

## “Entre o amor e o ódio”: contribuições do mito da “Medéia” de Eurípedes para o estudo da ambivalência materna

*Jean Pablo Guimarães Rossi\**  
*Claudia Raquel Padovani dos Santos<sup>1\*\*</sup>*  
*Livia Yatsuda Brescansin<sup>\*\*\*</sup>*

**Resumo:** Este artigo<sup>2</sup> tem por objetivo discutir acerca do amor e do ódio na relação materna, a partir da tragédia grega “Medéia”, de Eurípedes, sob o viés psicanalítico de Sigmund Freud. Essa tragédia narra a história de uma mulher que mata seus dois filhos, tomada pelo dualismo amor-ódio após descobrir a traição de seu marido. Pretendemos assim, abordar a relação materna a partir da ambivalência de sentimentos que a circundam, a fim de desconstruir uma visão socialmente romanceada do “ser mãe”. Visão, essa, herdada durante dois séculos e que, por vezes, inviabiliza a discussão acerca da existência de uma possível agressividade nessa relação.

**Palavras-Chave:** Medéia. Ambivalência. Psicanálise. Maternidade. Mulher.

## “Between Love and Hate”: contributions from Euripides’ “Medea” myth for the study of maternal ambivalence

**Abstract:** This article aims to discuss love and hate in the maternal relationship, from the Greek tragedy "Medea", by Euripides, from the perspective of Sigmund Freud's psychoanalysis. This tragedy tells the story of a woman who kills her two children, seized by love-hate dualism after she discovers her husband's betrayal. Thus, we intend to highlight the duality of feelings that surround the maternal relationship, in order to deconstruct a socially romanticized view of “being mother”. This view, inherited over the centuries and that sometimes makes impossible the discussion about the existence of a possible aggressiveness in this relationship.

**Keywords:** Medea. Psychoanalysis. Woman. Maternity. Ambivalence.

---

\* Psicólogo; Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá; Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, pela UNESPAR/Campus de Campo Mourão. E-mail: [psijeanpablo@gmail.com](mailto:psijeanpablo@gmail.com)

\*\* Psicóloga; Pós-Graduada em MBA em gestão de pessoas: do operacional ao comportamental pela Faculdade UNICAMPO; Bacharel em Psicologia pela mesma instituição. E-mail: [craquelpadovani@hotmail.com](mailto:craquelpadovani@hotmail.com)

\*\*\* Psicóloga; Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (2016). E-mail: [liviabres@gmail.com](mailto:liviabres@gmail.com)

<sup>1</sup> Trata-se de uma versão revisada de uma pesquisa, vinculada a um projeto que foi desenvolvido durante o ano de 2016 no curso de Psicologia da Faculdade UNICAMPO, resultando no trabalho final de curso dos/as autores/as.

## Introdução

A maternidade é, de modo geral, percebida, discursada e supervalorizada pela sociedade e pela cultura, como uma passagem muito importante para o “ser mulher”. Este é um momento, muitas vezes, caracterizado por muitas idealizações positivas, mas que pode ser questionado, haja vista que diversos/as autores/as têm apontado para as dificuldades tanto durante a gestação, quanto no pós-parto e nas vivências do “ser mãe” (BADINTER, 1985; IACONELLI, 2012; MOURA, ARAÚJO, 2004; VERÍSSIMO, 2009; ROGRIGUEZ; CARNEIRO, 2013; TRAVASSOS-RODRIGUES; FERES-CARNEIRO, 2013). Veríssimo (2009) pontua que além dos prazeres, a gestação também traz momentos de angústia, desconforto físico e alterações psíquicas que podem provocar sentimentos ambivalentes na relação entre mãe e filho/a. A experiência de ser mãe é sempre carregada de uma grande carga emocional e de momentos solitários.

Em décadas passadas, com o nascimento de um bebê, as mulheres tinham e aceitavam muito mais o auxílio da família. No entanto, na atualidade os papéis se modificaram, tal conduta já não é bem vista e a mãe necessita ser muito mais autônoma em relação aos cuidados com o seu bebê (BADINTER, 1985; IACONELLI, 2012; MOURA, ARAÚJO, 2004; VERÍSSIMO, 2009; ROGRIGUEZ; CARNEIRO, 2013; TRAVASSOS-RODRIGUES; FERES-CARNEIRO, 2013). Azevedo e Arrais, reiteram esta perspectiva lembrando que,

[...] desde a infância as meninas treinam o papel de boa mãe, segundo o qual a mulher deve ser capaz de enormes sacrifícios, entre eles ser amável, tranquila, compreensiva, terna, equilibrada, acolhedora, feminina em tempo integral! Espera-se um ideal, um modelo de mãe perfeita, uma imagem romanceada da maternidade construída ao longo dos últimos séculos, que está alicerçada sob um rígido padrão incapaz de admitir qualquer vestígio de sentimentos ambivalentes nas mães (AZEVEDO; ARRAIS, 2006, p. 269).

Freud (2013a), em sua obra *Totem e Tabu* (1912-1913), expõe que a sociedade é repleta de tabus, o que ele define em dois sentidos distintos. Por um lado, é reconhecido como algo sagrado, consagrado, e por outro, misterioso, perigoso, proibido e impuro. Sendo esse último com caráter de interdito, aquilo que não pode ser discutido e que restringe o aprofundamento de discussões. Por esse viés, incluem-se as relações de amor-ódio que cercam a maternidade e que ainda são vistas como uma proibição perante a visão social. Nesse sentido, Travassos-Rodriguez e Carneiro afirmam que:

Na sociedade ocidental, nos dias de hoje, a maternidade é encarnada de forma muito romanceada, uma visão herdada dos últimos séculos. Ser mãe ganha significados tais como sacrifício, amor incondicional e disponibilidade completa. Essas concepções contrapõem-se à vivência real do papel materno, sobretudo no mundo contemporâneo (TRAVASSOS-RODRIGUEZ; CARNEIRO, 2013, p. 113).

É por meio de tais acepções que discutimos o termo ambivalência aplicado na relação mãe e filho/a, utilizando a tragédia *Medéia* de Eurípedes, como fonte de elucidação para tal estudo. Este mito, irá nos contar a respeito de Medéia, uma mulher que abandonou seu reino para fugir com seu grande amor Jáson, mesmo contra a vontade de seu pai. Após dez anos de casamento, a protagonista é traída e abandonada por seu esposo e como forma de vingança mata seus dois filhos.

Este trabalho se encontra dividido em quatro seções, sendo que na primeira, iremos realizar uma breve explanação sobre a biografia de Eurípedes e suas obras, destacando o mito da Medéia e os possíveis significados percebidos a partir da leitura. Para tanto, faremos uma discussão sobre a importância da relação entre psicanálise e mitologia, do mito relacionado à psicanálise, subsequentemente relatando a história do mito da Medéia de Eurípedes. Na segunda seção, realizamos uma retrospectiva histórica a respeito da maternidade e de que forma o seu ideário foi construído desde os primórdios até os dias atuais. O objetivo nessa seção é apresentar como os aspectos históricos, culturais e sociais em torno das funções da mulher foram historicamente construídos e, portanto, propuseram a ótica acerca da relação mãe-filho de maneira idealizada à apenas aspectos meramente positivos da maternidade.

Em seguida, a terceira seção trataremos sobre o conceito de ambivalência na relação entre mãe e filho/a, elucidando o olhar psicanalítico da teoria de Sigmund Freud e alguns/mas de seus/suas comentadores/as. Temos o intuito de desmistificar o pleno afeto nesta relação, abarcando aspectos da ambivalência que podem envolver agressividade, ódio e angústia, importantes para a construção da seção subsequente. Dito isto, na quarta e última seção, realizamos propriamente a análise entre o mito da Medéia de Eurípedes, dialogando paralelamente com a teoria psicanalítica de ambivalência e conjunto aos aspectos históricos do ser mulher, além de destacar principalmente trechos da tragédia grega que ilustram as questões referentes aos polos de amor e ódio que cerceiam a relação materna.

A relevância desta pesquisa está na possibilidade de desconstruir a visão romanceada do “ser mulher” na maternidade e, ao mesmo tempo, reconstruir um outro significado pautado nos alicerces psicanalíticos, sendo que o grande destaque se encontra na relação estabelecida entre o referido mito e a teoria, os quais são abordados na literatura acadêmica, por diversas vezes, separadamente. Utilizamos como aporte teórico a teoria psicanalítica de Sigmund Freud, bem como alguns de seus comentadores, como Laplanche (2001), Veríssimo (2009), Migliavacca (2004), Mathelin (1999) e Winnicott (2000).

## **Eurípedes, mitologia e psicanálise**

Eurípedes foi um dos maiores autores de tragédias gregas. Nasceu aproximadamente em 485 a.C em Salamina, ilha situada nas proximidades de Atenas, onde foi educado e viveu a maior parte de sua vida. Desde quando começou a escrever em 455 a.C até a data provável de sua morte (406 a.C.), Eurípedes

produziu cerca de 74 peças, sendo 67 tragédias e 7 dramas satíricos, destacando-se entre estas obras: *Medéia*, *Hipólito* e *As troianas* (KURY, 2001).

A tragédia *Medéia*, escrita por Eurípedes entre 480 – 406 a.C. e encenada pela primeira vez em 431 a.C., é fundamentada na tradição lendária, assim como os demais textos que fazem parte do sistema literário da Antiguidade Clássica. Nela, o autor se propõe a realizar um projeto artístico, se utilizando do mito como objeto de reflexão para a sociedade da época (DUTRA, 1991).

Eurípedes, ao escrever a *Medéia*, ressalta a singularidade da alma feminina, considerando-a como resultado da realidade social de seu tempo e das emoções que caracterizam o ser humano, visto que neste período as mulheres eram vetadas da vida social e política da sociedade, restando-lhe apenas o direito a realização de trabalhos manuais (DUTRA, 1991). De acordo com Dutra (1991, p. 70):

O halo de crueldade e feitiçaria que acompanha o mito de *Medéia* dá lugar, na obra, a uma reflexão sobre a condição de mulher, aviltada depois de sacrificar tudo em nome de uma paixão. A origem de sua problemática não remonta, portanto, ao cosmos, mas sim à própria sociedade da época.

Nessa sociedade, o adultério era permitido ao homem, assim como também era aceito que o marido repudiasse à sua esposa. No entanto, tais condições eram negadas à mulher, que deveria se apresentar sempre submissa ao marido, o qual poderia livremente matá-la se acaso desconfiasse de uma traição (DUTRA, 1991). Eurípedes (2001, p. 24, v. 260-275), denuncia essa realidade no mito, por meio das falas de *Medéia*:

Das criaturas todas que têm vida e pensam,  
somos nós, as mulheres, as mais sofredoras.  
De início, temos de comprar por alto preço  
o esposo e dar, assim, um dono a nosso corpo  
— mal ainda mais doloroso que o primeiro.  
Mas o maior dilema é se ele será mau  
ou bom, pois é vergonha para nós, mulheres,  
deixar o esposo (e não podemos rejeitá-lo) [...]  
Quando um marido  
se cansa da vida do lar, ele se afasta  
para esquecer o tédio de seu coração  
e busca amigos ou alguém de sua idade;  
nós, todavia, é numa criatura só  
que temos de fixar os olhos.

Tais reflexões só são possíveis em virtude do fato de que mediante os mitos é que nos é permitido conhecer os acontecimentos dos tempos antes a nós, isto é, os mitos são as bases da cultura ou formas de pensar e consolidar aspectos sociais. O indivíduo é um ser observador, que busca entender o que está acontecendo à sua volta e os mitos são os primeiros resultados dessa busca, uma vez que explicam o que acontece e o sentido do que acontece (MIGLIAVACCA, 2002).

[...] o mito não é palavra argumentativa e sim explicativa. O narrar do mito não tem como fim convencer ou converter o ouvinte: ele esclarece e dá sentido e inteligibilidade aos acontecimentos e aos fenômenos. Seu efeito decorre do fato de que há um anseio por respostas no espírito de quem o escuta (MIGLIAVACCA, 2002, p. 252).

De acordo com Migliavacca (2002), as tragédias trazidas pelos mitos permitem às pessoas uma reflexão interior, uma consciência de si mesmo e de seus atos, o que permite a liberdade e autonomia de suas ações, ou seja, o mito permite ao homem descobrir a si mesmo. Freud também se utilizou de mitos para nomear os conflitos existentes na relação familiar, e foi esse mesmo mito que permitiu a este a criação da Psicanálise, que por sua vez possibilitou o acesso à vida psíquica. “[...] Freud é o pai da psicanálise. Um pai não gera a vida sozinho, é sempre acompanhado de uma mãe. Com todos os interlocutores que teve em sua vida, no entanto, Freud engendrou a psicanálise em um corpo materno original, a tragédia grega” (MIGLIAVACCA, 2004, p. 853).

### **A história da tragédia grega “Medéia” de Eurípedes**

A história de Medéia e Jáson se inicia quando ele se preparava para assumir o trono de seu pai Áison, o qual estava sob o poder de Pelias, seu primo. Assim, quando chegara a hora de Jáson assumir o reinado, Pelias se recusou a entregá-lo, expulsando Áison da cidade de Iolco (EURÍPEDES, 2001).

Depois de algum tempo distante, Jáson resolve retornar para a cidade de Iolco, onde conquista muitos simpatizantes, fazendo com que Pelias reconhecesse nele uma figura de ameaça para o seu trono. Desta forma, seu primo sugere que viaje para a Cólquida, a fim de vingar-se do rei Aietes, que havia matado seu parente Frixo e roubado seu tosão de ouro, prometendo que como recompensa, entregaria o direito ao trono a Jáson, se acaso este conseguisse derrotar e recuperar o tosão de ouro que Aiétes havia roubado (EURÍPEDES, 2001). Ao chegar na cidade da Cólquida, o rei Aietes se compromete a entregar o tosão de ouro, desde que Jáson realizasse as seguintes tarefas:

1ª, domar um touro de cascos e chifres de bronze, que soprava chamas pela boca e pelas narinas; 2ª, arar com esse touro um campo consagrado ao deus da guerra (Ares); 3ª, semear naquele campo os dentes de uma serpente monstruosa de cujo corpo saíam guerreiros armados, prontos a exterminar quem tentasse arar o campo sagrado; e 4ª, matar um dragão ferocíssimo, que montava guarda noite e dia ao pé da árvore em cujos galhos estava pendente o tosão de ouro (EURÍPEDES, 2001, p. 08).

Com a intenção de ajudar Jáson, Hera (deusa, mulher de Zeus) faz com que a feiticeira Medéia, filha do rei Aiétes, se apaixone perdidamente por Jáson, providenciando que ele vença a batalha sob as condições de casamento e fidelidade por parte dele para com Medéia. Jáson aceitou as condições e venceu a batalha levando consigo o tosão de ouro e a apaixonada Medéia, contra a vontade do rei Aiétes. Os dois fugiram juntos para Iolco, até que no meio da fuga surge Ápsirto, irmão de Medéia, a mando de seu

pai, com o fim de impedir o casamento dos dois. Contudo, para se defender, Medéia mata e esquarteja seu irmão, e em seguida espalha seus membros pelo caminho, pois acreditava que assim, isso dificultaria a chegada do seu pai até ela (EURÍPEDES, 2001).

Ao retornarem para a cidade de Iolco, Medéia e Jáson foram recebidos com grande alegria pela população. Somente Áison, pai de Jáson, devido à sua idade avançada, não pode comparecer às festas realizadas para eles. Vendo isso, Medéia, desenvolve uma poção que devolve a juventude ao pai de Jáson. Pelias, admirado, também demonstra interesse em beber da poção. Sendo assim, Medéia, instigada por Jáson, preparou uma poção venenosa que acabou enganando e matando o rei Pelias (EURÍPEDES, 2001).

Sabendo do feito de Medéia e Jáson, a população de Iolco se revoltou contra os dois, que se viram obrigados a fugir para a cidade de Corinto, na qual viveram uma feliz união durante dez anos. Até o momento em que Jáson se apaixona por Glauce, filha de Creonte, rei de Corinto. Com a intenção de se casar com seu mais novo amor, Jáson repudia Medéia e então pede a separação. Além do constrangimento por ter sido traída, Medéia também passa pela vergonha de ser expulsa com seus dois filhos, pelo rei Creonte, da cidade de Corinto (EURÍPEDES, 2001). Medéia se expressa absolutamente inconformada com o que lhe aconteceu e começa a se lamentar:

Pobre de mim! Consuma-se a minha desgraça!  
 Meus inimigos soltam suas velas todas  
 e não diviso um porto em que possa abrigar-me  
 para escapar à ruína! Mas, sem ponderar  
 em minha desventura, quero perguntar-te:  
 por que razão, Creonte, me banes daqui?  
 (EURÍPEDES, 2001, p. 26, v. 315-320).

Após ser expulsa do reino, Medéia pede ao rei Creonte que a deixe permanecer ali por mais um dia para que pudesse conseguir um lugar para se abrigar com os seus filhos e obtém a autorização do rei. No entanto, a verdadeira intenção da personagem ao pedir este tempo, seria para encontrar alguma estratégia que pudesse tramar a sua vingança contra Jáson, Glauce e o rei Creonte (EURÍPEDES, 2001). Medéia diz:

E neste dia  
 serão cadáveres três inimigos meus:  
 o pai, a filha e seu marido. Vêm-me à mente  
 vários caminhos para o extermínio deles,  
 mas falta decidir qual tentarei primeiro,  
 amigas: incendiarei o lar dos noivos,  
 ou lhes mergulharei no fígado um punhal  
 bem afiado, entrando a passos silenciosos  
 na alcova onde está preparado o leito deles?  
 Mas uma dúvida me ocorre e me detém:  
 se eu for surpreendida transpassando a porta  
 na tentativa de atingi-los com meus golpes,  
 rirão de mim, vendo-me morta, os inimigos.

Melhor será seguir diretamente a via  
que meus conhecimentos tornam mais segura:  
vencê-los-ei com meus venenos. Assim seja!  
(EURÍPEDES, 2001, p. 31, v. 425-435).

A real intenção de Medéia ao planejar a vingança era fazer com que Jáson se arrependesse por tê-la traído. Para tanto, ela decide envenenar um véu com os seus poderes mágicos na intenção de matar Glauce, a amante de Jáson (EURÍPEDES, 2001). Em tom de revolta, Medéia diz o seguinte:

Quero que se arrependam de seu matrimônio  
amargamente, e amargamente se arrependam  
de sua aliança e de meu iminente exílio.  
Vamos, Medéia! Não poupes recurso algum  
de teu saber em teus desígnios e artifícios!  
Começa a marcha para a tarefa terrível!  
Chegou a hora de provar tua coragem!  
(EURÍPEDES, 2001, p. 32, v. 450-455).

Medéia precisava encontrar um lugar para se refugiar antes de executar a vingança, pois ela sabia que seria rejeitada por toda a cidade, quando essa soubesse do seu feito. Por isso, ela recorre a Egeu, filho do sábio Pandion, prometendo-lhe que o ajudaria a realizar seu grande sonho, de ter filhos, se em troca ele permitisse que ela se abrigasse em seu templo (EURÍPEDES, 2001).

Após conseguir abrigo com Egeu, Medéia põe seu plano de vingança em prática, primeiramente enviando um criado ao encontro de Jáson, pedindo que ele venha ao encontro dela. Quando Jáson a encontra, Medéia diz que concorda com todas as decisões que ele tomou, mas pede para que ele fique com os filhos (haja vista que ela tinha a intenção de usá-los na execução da vingança e em seguida, também matá-los). Dessa forma, ela solicitou para que seus dois filhos entregassem à Glauce, alegando ser um presente, um véu dos mais finos e um diadema de ouro, porém, ambos envenenados (EURÍPEDES, 2001). Sobre isso, Medéia declara:

Mandá-los-ei a ela com presentes meus  
para a nova mulher, a fim de que ela evite  
o exílio deles: um véu dos mais finos fios  
e um diadema de ouro. Se ela receber  
os ornamentos e com eles enfeitar-se,  
perecerá em meio às dores mais cruéis  
e quem mais a tocar há de morrer com ela,  
tão forte é o veneno posto nos presentes.  
Mas mudo aqui meu modo de falar, pois tremo  
só de pensar em algo que farei depois:  
devo matar minhas crianças e ninguém  
pode livrá-las desse fim (EURÍPEDES, 2001, p. 50-51, v. 895-905).

Sendo assim, o véu e o diadema são entregues a Glauce pelos filhos de Medéia, em forma de presente e agrado a ela, mas na real intenção de matá-la. Ao receber o véu, Glauce ansiosa para usá-lo,

coloca-o e assim é tomada pelo poder envenenador dele, sua cor muda, seu corpo dobra-se, escorre uma espuma esbranquiçada de sua boca e suas pupilas põem-se a girar. Até o momento em que uma criada a vê nestas condições e corre em direção ao quarto do pai de Glauce, que rapidamente corre ao encontro da filha já morta. Transtornado, ele se lança sobre ela, envolvendo-a em seus braços e, assim, vindo a falecer, pois também tocara o véu envenenado (EURÍPEDES, 2001). Após receber a visita de um mensageiro que lhe conta sobre a morte de Glauce e seu pai, Medéia resolve então pôr em prática seu plano seguinte, a morte de seus dois filhos, lamentando-se:

Faltam-me forças para contemplar meus filhos.  
Sucumbo à minha desventura. Sim, lamento  
o crime que vou praticar, porém maior  
do que minha vontade é o poder do ódio,  
causa de enormes males para nós, mortais.  
(EURÍPEDES, 2001, p. 64-65, v. 1225).

Depois de consumir sua vingança, matando seus dois filhos, Medéia surge acima da casa, sobrevoando através de um carro flamejante o qual o Sol, avô de Medéia, fez com que chegasse até ela. Levava consigo os cadáveres de seus filhos, não permitindo assim que Jáson se despedisse deles, quanto menos enterrá-los. Medéia pretendia enterrar os filhos com as próprias mãos no santuário de Hera, deusa das colinas, pois acreditava que assim ninguém seria capaz de violar os túmulos, nem mesmo que Jáson se aproximasse de seus falecidos filhos (EURÍPEDES, 2001). Antes de partir para a morada de Egeu com quem já havia feito um acordo, Medéia já satisfeita com sua vingança, finaliza dizendo a Jáson:

Morrerás miseravelmente aqui,  
colhendo — miserável! — os amargos frutos  
do novo casamento que tanto querias!  
(EURÍPEDES, 2001, p. 78, v. 1580).

## **Um olhar histórico sobre a maternidade**

Ao contrário do que muito se pensa sobre a maternidade, esta não está profundamente inscrita na natureza feminina. O interesse e a dedicação à criança sempre foram manifestados de diferentes formas e nem sempre existiu em todas as épocas e meios sociais. Isso porque o amor materno não constitui um sentimento inerente à condição da mulher, não é um determinismo, mas sim algo adquirido como produto de uma evolução social (BADINTER, 1985).

Ao olharmos para as sociedades primitivas, percebemos que a forma de vida estava organizada a partir de uma noção de coletividade. A vida só era possível se fosse de forma comunitária, pois ninguém sobreviveria sozinho, tendo em vista que era necessária a disputa com outros animais por alimentos, abrigo e água, o que tornava a cooperação algo essencial para a sobrevivência de todos (LESSA, 2012).



Nessa forma de sociedade, a taxa de fertilidade era controlada a partir da necessidade e da quantidade de mulheres capazes de procriação. Não era possível a criação de muitos bebês, então se fazia necessário o controle de quantos homens e mulheres existiam na tribo e de quantas crianças de cada sexo seriam necessárias para aquele ano. Caso houvesse a necessidade de aumentar o número de homens, os bebês femininos eram abandonados e vice-versa. Criar os filhos era uma tarefa coletiva, na qual todos da tribo participavam, ou seja, não era um papel exclusivo da mulher, conforme aponta Lessa (2012): “[...] a tarefa de criar os filhos era uma tarefa tão coletiva como qualquer outra: os pais eram todos os homens da tribo, os primos e primas eram todas as crianças que não eram irmãos e irmãs, e apenas as mães eram individualizadas pelo nascimento” (LESSA, 2012, p. 18).

Badinter (1985) em *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (1985), discute uma nova conceituação de maternidade que predominou por toda a Idade Média, especialmente na França, até meados do século XVIII. A autoridade exclusiva do homem perdurou por quase toda a antiguidade, principalmente nas sociedades greco-romanas, nas quais as mulheres tinham o poder jurídico rebaixado e ocupavam uma posição social e familiar, semelhantes à dos/as filhos/as.

Com o advento do cristianismo, o homem e a mulher passaram a partilhar dos mesmos direitos e deveres em relação aos filhos, pois a lição de Cristo era que o amor predominasse. Portanto, a esposa não deveria ser vista como um objeto, mas sim como uma companheira, estabelecendo, assim, o casamento como uma instituição divina (BADINTER, 1985). Segundo Badinter (1985, p. 29), “a mensagem de Cristo era clara: marido e mulher eram iguais e partilhavam dos mesmos direitos e deveres em relação aos[as] filhos[as]”.

No entanto, a partir do século XVI, até o século XVIII, a autoridade paterna foi retomada sob a influência do direito romano e do absolutismo político, uma vez que toda a sociedade acreditava no princípio da autoridade (BADINTER, 1985). Nesta mesma época, a relação da mulher com a maternidade ganhou uma nova imagem, na qual a atenção era essencialmente voltada para a transformação do bebê e da criança (MOURA; ARAUJO, 2004). Neste sentido, Moura e Araújo, (2004, p. 47), pontuam que:

A devoção e a presença vigilantes da mãe surgem como valores essenciais, sem os quais os cuidados necessários à preservação da criança não poderia mais se dar. A ampliação das responsabilidades maternas fez-se acompanhar, portanto, de uma crescente valorização da mulher-mãe, a “rainha do lar”, dotada do poder e respeitabilidade desde que não transcendesse o domínio doméstico.

Em classes mais favorecidas, a mulher deixou de ser simplesmente quem fornecia alimento à criança e assumiu um papel de educadora e, muitas vezes, até o de professora, aumentando suas responsabilidades para com os filhos e com a família. Por outro lado, mesmo com a maior atribuição de atividades às mulheres, o discurso filosófico e médico da época pregavam uma conceituação de maternidade como parte inerente à natureza da mulher, o que fazia com que muitas se sentissem culpadas

ou anormais por não assumirem esta posição denominada como natural e instintiva (MOURA; ARAÚJO, 2004). Sob essa perspectiva, a exclusão da vida social e a existência minimizada ao lar patriarcal, levaram a conversão das mulheres ao ideal de feminino predominante ao longo de milênios, como: pessoas frágeis, submissas, dóceis e compreensivas (LESSA, 2012).

Segundo Badinter (1985), após 1760 surgiram publicações que recomendavam às mães, que tomassem conta dos/das seus/suas filhos/as pessoalmente, inclusive e obrigatoriamente amamentá-los. Já ao fim do século XVIII é atribuída uma nova conceituação para o amor materno, a qual permaneceu viva por pelo menos 200 anos mais tarde: do amor espontâneo e pleno da mãe pelo/a filho/a. Ainda que houvesse uma valorização da ternura mãe-filho no século XVI, no século XVIII, esta valorização se apresenta na extrema exaltação do amor materno como um valor paralelamente natural e social, importante para a espécie e para a sociedade.

No caso das mulheres operárias, que precisavam trabalhar nas indústrias, estas deixavam seus/suas filhos/as sob cuidados das amas de leite e retornavam para buscá-los no fim da jornada de trabalho. As amas de leite eram mulheres contratadas para amamentar crianças alheias, geralmente eram humildes camponesas que se submetiam a receber salários baixos e miseráveis (BADINTER, 1985). Existiam amas internas e amas externas. As internas eram as mulheres contratadas para trabalharem diretamente dentro do domicílio da família, permitindo que estes pais permanecessem mais próximos de seu/sua filho/a. Ao passo que as externas eram aquelas mulheres que recebiam as crianças de outrem em suas próprias casas (BARBIERI; COUTO, 2012). Já no caso das mulheres de classe alta, se justificava a contratação de amas, por outros motivos, tais como:

(1) físico - dar de mamar faz mal à mulher já que o leite é algo precioso à sua preservação e/ou por ter a saúde fraca [...] (2) estético - deforma o peito e o faz ficar caído, perdendo assim sua beleza; (3) social e moral - o ato de amamentar era pouco digno de uma dama, de uma mulher civilizada, tornando-se assim, uma prática de distinção social; (4) pudor - mostrar o seio para outras pessoas era um ato de desrespeito para a época, forçando a mulher ficar reclusa durante cada amamentação, impedindo-a de um maior círculo social e (5) moda - principalmente no século XVIII era *démodé* a mulher ficar cuidando dos filhos ao invés de participar e curtir a vida social e conjugal (BARBIERI; COUTO, 2012, p. 65).

Esta prática perdurou até o final do século XX, com o surgimento do HIV/AIDS, pois acreditava-se que a doença poderia ser transmitida para a criança por meio do aleitamento materno (BARBIERI; COUTO, 2012). Uma nova concepção preponderou a partir de 1762, a partir da publicação de *Émile*, de Rousseau, que criticou o fato de muitas mulheres enviarem seus filhos às amas, defendendo assim a realização do aleitamento pela própria mãe da criança, impondo a obrigatoriedade do amor materno (AZEVEDO; ARRAIS, 2006). Destarte, muitas camponesas deixaram de executar a função de ama de leite por entenderem que esta seria a melhor maneira de proteger os seus filhos contra os perigos que esta prática poderia causar à saúde deles (BADINTER, 1985).

As mães que antes deixavam seus filhos com as amas de leite quando passaram a amamentá-los foram vistas como modernas, fazendo um grande esforço para aleitar o bebê em casa (BADINTER, 1985). Assim, “pouco a pouco, deitava raízes a ideia de que os cuidados e o carinho da mãe eram fatores insubstituíveis da sobrevivência e do conforto do bebê” (BADINTER, 1985, p. 203).

Gradativamente, as mulheres passaram a ter um contato físico e emocional mais próximo do bebê, abandonando a tradicional “faixa” que era utilizada para imobilizar a criança e para que a mãe pudesse cuidar melhor de seus afazeres. A não utilização da faixa, permitiu uma maior liberdade, de forma que a criança conseguisse retribuir os afagos feitos pela mãe (BADINTER, 1985). Dito isto, “uma vez retirada essa armadura, carinhos e relações físicas tornam-se finalmente possíveis entre mãe e filho” (BADINTER, 1985, p. 205).

Esta nova relação de afeto, dificultou o distanciamento e até mesmo as separações existentes na antiguidade. O desejo que os pais tinham de exilar os/as seus/suas filhos/as sob cuidados de terceiros já se amenizava, pois acreditava-se que esta condição significava a falta de amor dos pais para com as crianças e isto passou a ser considerado socialmente um crime sem perdão (BADINTER, 1985). Segundo Badinter (1985, p. 210), a nova conceituação passava a ser: “[...] a boa mãe é terna, ou não é uma boa mãe”.

A partir de meados do século XIX, a estatização dos indivíduos representou a redução da figura da mulher à mãe-higiênica. Tal discurso foi herdado da sociedade europeia que valorizava o modelo tradicional de família, importante para a construção do Estado. A adoção deste novo padrão familiar higienista, mobilizou a sociedade médica da época a defender a importância dos cuidados maternos, uma vez que visavam favorecer a idealização do Estado higienista sobre a família e conseqüentemente atribuir uma imagem mais leve do modelo familiar predominante (MOURA; ARAÚJO, 2004).

Chodorow (1990) pontua que nos Estados Unidos surgiu uma ideologia de uma mãe moral, pois ao mesmo tempo estas deveriam agir tanto como fornecedoras de alimento, quanto como educadoras de seus filhos, além de um padrão moral para o seu marido quando este retornasse do seu dia cansativo de trabalho. “O amor materno não consiste apenas, para a mulher, em amamentar o filho; consiste sobretudo em bem educá-lo. Ora, a verdadeira educação, é a mãe quem deve dar” (BADINTER, 1985, p. 255).

De acordo com Badinter (1985), a partir do século XX, a ascensão da psicanálise trouxe diversos argumentos que reforçaram a responsabilidade da mãe pela felicidade do filho, tendo como importância a relação da mãe e o bebê para o desenvolvimento deste. Partindo deste pressuposto, as mulheres que não conseguiam ou não podiam exercer esta função eram condenadas pela sociedade.

Se por um lado o discurso psicanalítico contribuiu para uma melhor compreensão do papel materno, por outro lado há de se fazer uma crítica, pois o discurso autoritário causou um mal-estar inconsciente nas mulheres, uma vez que elas se sentiam obrigadas a serem mães, mesmo que este não fosse o seu real desejo (IACONELLI, 2012; BADINTER, 1985). “[...] ninguém poderia pretender ao

título de boa mãe se não encarnasse ao mesmo tempo a virtude, a bondade, a coragem e a doçura. “Modelo vivo” para o filho, a mãe deve dar a todo o momento o bom exemplo” (BADINTER, 1985, p. 258).

A sociedade contemporânea sofreu diversas mudanças embasadas no discurso da psicanálise, denominada como cultura psicanalítica. Tais transformações levaram a uma perspectiva cada vez mais individual do papel do homem e da mulher no que diz respeito à constituição familiar. A partir da década de 80, as representações materna e paterna passam a ser alvo de discussão do casal, pois tanto um quanto o outro precisam estar preparados emocionalmente para a chegada da criança (MOURA; ARAÚJO, 2004).

O nascimento de um filho é na atualidade uma experiência familiar, na qual os pais criam fantasias e expectativas mesmo antes do nascimento do bebê (SIMAS; SOUZA e SCORSOLINI-COMIN, 2013). “[...] biologicamente a gravidez começa com a concepção e, psicologicamente, há uma história dos pais, dentro da qual já estão reservados padrões de relacionamento a serem estabelecidos com a vinda da criança” (SIMAS; SOUZA e SCORSOLINI-COMIN, 2013, p. 26).

Na contemporaneidade, a inserção da mulher no mercado do trabalho e a conquista do direito à escolarização modificaram os interesses e prioridades dela, que anteriormente só lhe era cabido o papel de boa esposa (ALVES, 2000).

Nessa ótica, pode-se afirmar que valores tradicionais como “Respeito”, “Obediência”, “Submissão”, “Delicadeza no Trato”, “Pureza”, “Capacidade de Doação” e “Habilidades Manuais”, que foram considerados atributos fundamentais e definidores da “boa moça” até meados do século XX, são “passados para trás”, o que significa “deixar de estar na linha de frente” da educação da menina/moça, permanecendo, sem dúvida, de forma “encoberta”, enquanto a mulher conquista o direito à escolarização e a exercer atividades profissionais diversificadas (ALVES, 2000, p. 237).

Nesse sentido, ter um filho atualmente significa a exigência de uma reestruturação na vida desta mulher que se encontra envolvida com diversos afazeres, a fim de que esta seja uma experiência saudável. Quando não é bem estruturada, pode tornar-se uma experiência doentia, tanto para a mãe, quanto para a criança (SIMAS; SOUZA e SCORSOLINI-COMIN, 2013), pois “os fatores não-biológicos, ou seja, os aspectos culturais e psicológicos é que irão determinar o destino dessa gravidez [...]” (DADOORIAN, 1994, p. 87).

### **A ambivalência de sentimentos na relação materna**

Está embutido no imaginário social a idealização de que a mãe perfeita é aquela que não apresenta nenhum problema em relação ao/a filho/a, não tem sentimentos negativos e é devotada em seus atos e em seu amor. É idealmente sempre paciente e disponível, porém esta é uma visão meramente idealizada, que descarta um elemento muito importante dentro desta relação, a agressão (VERÍSSIMO, 2009).

A autora Catherine Mathelin (1999), em sua obra *O sorriso da Gioconda: clínica psicanalítica com bebês prematuros* (1999), destaca a ambivalência de sentimentos na relação materna, percebidos por meio do seu estudo realizado em Paris, no hospital Delafontaine em Saint-Denis, na unidade de Neonatologia. Segundo a autora, “[...] pensar que existiria um amor materno sem violência, sem ódio, sem ambivalência, seria tão radical quanto negar a existência do inconsciente” (MATHELIN, 1999, p. 14).

Bleuler foi o precursor do termo ambivalência e, mais tarde, este termo foi emprestado por Freud na formulação de sua teoria. Bleuler considera a ambivalência em três domínios: voluntário, intelectual e o afetivo, sendo que este último diz respeito ao amor e ódio direcionados à mesma pessoa (LAPLANCHE, 2001). Posteriormente, Freud, emprestando-se da ambivalência no sentido afetivo, passa a compreender o termo como a “oposição ‘material’ amor-ódio, em que é visado o único e mesmo objeto, que permite fazer ressaltar mais nitidamente a ambivalência” (LAPLANCHE, 2001, p. 17). Para Strachey (1996, p. 136):

O termo “ambivalência” cunhado por Bleuler (1910b, e 1911, 43 e 305), parece não ter sido empregado por ele neste sentido. Distinguiu três espécies de ambivalência: (1) emocional, isto é, oscilação entre amor e o ódio; (2) voluntária, isto é, incapacidade para decidir quanto a uma ação; e (3) intelectual, isto é, crença em proposições contraditórias. Freud em geral emprega o termo do primeiro destes sentidos

Na obra *Uma recordação da infância de Leonardo da Vinci* (1910), Freud (2013b) exemplifica esta relação de ambivalência de sentimentos percebida por meio das obras do pintor. Em um de seus trabalhos não finalizados, Leonardo desenha a figura de um homem e uma mulher entrelaçados em um só corpo e por meio deste, Freud (2013b) realiza a seguinte análise dos seios deste corpo: os seios apresentam dois defeitos, o primeiro defeito é artístico, pois seus traços demonstram flacidez e o segundo defeito é anatômico. Leonardo percebe o seio desta maneira devido ao seu afastamento de sua sexualidade na infância, o que fez com que ele fosse impedido de obter contato direto com os mamilos de uma mulher em período de amamentação. A explicação para este esboço pode ser encontrada nos próprios escritos de Leonardo, que dizia:

Uma mesma alma governa dois corpos. [...] As coisas que a mãe deseja imprimem-se às vezes sobre a criança que ela traz no momento em que as deseja [...] Todo querer, desejo supremo ou medo da mãe, ou toda dor do seu espírito, pode atingir poderosamente a criança, as vezes até matando-a (DA VINCI, 1452-1519 *apud* RAMOS, 2009, p. 110).

Mathelin (1999) destaca algumas das razões indicadas por Winnicott para o sentimento de ódio da mãe com o/a filho/a, tais como: abrir mão da sua vida privada para dar espaço aos cuidados com esta criança; a mulher sente-se na obrigação de gerar um/a filho/a para satisfazer o desejo de sua mãe; o bebê faz com que a mãe se sinta uma doméstica, uma espécie de “escrava” sem salário; a criança recusa o alimento oferecido pela mãe, mas come satisfatoriamente bem com a tia; comporta-se muito bem com estranhos, mas muito mal com a mãe; pode despertar sentimento de culpa na mãe que irá perdurar pelo

resto de sua vida; ao mesmo tempo em que o bebê a excita, ele também a frustra, uma vez que ela não pode comê-lo e nem ter trocas sexuais com ele. “A mãe [...] odeia o seu bebê desde o início” (WINNICOTT, 1947, p. 285). Além disso, a teoria winnicottiana, irá pontuar que a mãe não deve ser nem mítica, nem devorante, mas sim “suficientemente boa” para a constituição de seu/sua filho/a enquanto sujeito (BADINTER, 1985; WINNICOTT, 1947).

A ambivalência dos sentimentos maternos está presente desde muito cedo, já que com o nascimento de um/a filho/a, instauram-se instabilidades biológicas de ordem metabólicas e hormonais, além de instabilidades psíquicas, pois a puérpera precisa se ajustar nesta nova fase intrapsiquicamente e interpessoalmente (TRAVASSOS-RODRIGUES; FERES-CARNEIRO, 2013). Assim, esse momento pode configurar-se como um desafio na vida de uma mulher, já que se percebe responsável tanto por conter as angústias do bebê, quanto as suas, possibilitando “a continuidade ao ser”, ao mesmo tempo em que (re)estruturam sua identidade como mulher.

Para tanto, a teoria winnicottiana reforça que a maternidade, de maneira geral, exige uma postura de severidade da mulher que “precisa poder ser capaz de falhar. Ela pode permitir ao seu bebê os sentimentos de frustração e descontinuidade” (TRAVASSOS-RODRIGUES; FERES-CARNEIRO, 2013, p. 117). Nas palavras de Winnicott (s/a, p. 11):

[...] a severidade da mãe ajuda por ser menos brutal e mais humana; pois uma mãe pode sempre ser desafiada, mais/a inibição interna de um impulso é passível de ter efeito total. A severidade das mães, portanto, tem um significado inesperado: leva, de modo gradual e gentil, à complacência, e salva a criança da ferocidade do autocontrole.

Assim, para Winnicott (1947), a maternidade diz respeito a um processo que se desenvolve na medida em que há necessidade de adaptação entre mãe e bebê, processo este que demonstra o quanto o sentimento de ódio também se faz presente nesta relação, já que resulta em mudanças e novas adequações na vida desta mulher. Portanto, o suposto “instinto materno” não é algo inato, mas são aprendizados que se transferem e se constituem na construção de uma história que acontecem bem antes da concepção do bebê, ainda na época em que a mulher era uma criança e brincava de boneca, como se fosse a própria mãe cuidando do/a filho/a e até mesmo antes do conflito edípico quando esta se encontrava sobre cuidados maternos primários (MATHELIN, 1999; WINNICOTT, 1947).

Esse desejo pode ser observado desde a infância das meninas através de suas brincadeiras, quando com suas bonecas, ou brincando de ser professora, elas compartilham com os amigos e com os irmãos “simulacros de papai e mamãe”, tais brincadeiras sinalizam o desejo de ser mãe (VERÍSSIMO, 2009, p. 29).

Um dos momentos mais importantes tanto para a construção da criança quanto para a construção da futura mãe, são os últimos meses da gravidez, pois é o momento em que a mulher consegue sentir o bebê se mexer e também aprende a conhecê-lo (MATHELIN, 1999). Mathelin (1999, p. 66), destaca que

“preparar o enxoval fabrica, para além da roupa, os braços, as pernas, a imagem do corpo do bebê na cabeça da mãe. Instalar a cama, preparar o seu espaço lhe permite conceber uma representação de seu filho”. No entanto, o mero desejo de ser mãe não torna a maternidade uma tarefa fácil e como em qualquer relação humana, a relação mãe e filho/a também, pode ser permeada por sentimentos ambivalentes, ou seja, sentimentos de amor e ódio (VERÍSSIMO, 2009).

Freud (2013a), em sua obra *Totem e Tabu* (1912-1913), destaca que o sentimento de ambivalência está presente desde a mais tenra infância e está intimamente ligado nas figuras de autoridade sobre a criança. Logo na prematuridade de sua existência, o bebê sente um forte desejo de tocar a mãe, porém este desejo em determinado momento é confrontado com uma proibição externa que vai contra a realização deste contato. Esta proibição acaba sendo aceita pela criança que acaba por reprimir o desejo e jogá-lo para o inconsciente. Dá-se aqui a primeira relação de ambivalência entre o sujeito e um determinado objeto, pois o indivíduo deseja continuamente realizar o ato de tocar, o que significa o gozo supremo, no entanto é proibido de realizá-lo. Nas palavras do autor (FREUD, 2013a, p. 144):

A história das origens e relações do amor nos permite compreender como é que o amor com tanta frequência se manifesta como ‘ambivalente’ - isto é, acompanhado de impulsos de ódio contra o mesmo objeto. O ódio que se mescla ao amor provém em parte das fases preliminares do amar não inteiramente superadas; baseia-se também em parte nas reações de repúdio aos instintos do ego, os quais, em vista dos frequentes conflitos entre os interesses do Eu e os do amor, podem encontrar fundamentos em motivos reais e contemporâneos [...]

Segundo Freud (2013c), em *Introdução ao Narcisismo* (1914), os sentimentos de amor e ódio estão diretamente ligados à divergência entre prazer-desprazer, que por sua vez está relacionada ao primeiro aspecto, o amor. Se o objeto é proporcionador de prazer, o indivíduo tentará trazê-lo para mais perto do Eu e incorporá-lo ao mesmo, por isto dizemos que amamos este objeto. No entanto, se este objeto for fonte de desprazer, o sujeito procurará aumentar a distância entre este objeto e o Eu, numa tentativa de fuga do mundo externo. O indivíduo irá repudiar o objeto, conseqüentemente odiando-o e tal ódio pode se intensificar a ponto de se tornar extremamente agressivo, chegando a destruí-lo, pois “se uma relação de amor com um dado objeto for rompida, frequentemente o ódio surgirá em seu lugar, de modo que temos a impressão de uma transformação do amor em ódio” (FREUD, 2013a, p. 144).

Em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud (2013d) sublinha que não se pode afirmar convictamente que a ambivalência dos investimentos emocionais é uma lei psicológica a ser empregada universalmente e que seja impossível amar alguém sem a presença do ódio ou vice-versa. Uma pessoa adulta apresenta mais facilidade de manter separados estes dois sentimentos, “não tendo que odiar seu objeto amoroso nem que amar seu inimigo” (FREUD, 1930, p. 212). Entretanto, o que prevalece na grande maioria das pessoas é o traço arcaico de ambivalência amor-ódio que permeia a maioria das relações objetais (FREUD, 2013d).

Freud (2013c), destaca que é impossível pensar numa relação ambivalente sem nos remetermos à teoria das pulsões de vida e morte que estão intimamente ligadas à conceituação de amor *Eros* e *Thanatos*. Pulsão é definida, por sua vez, como um processo dinâmico que direciona o organismo a um objetivo, causado por uma excitação corporal relacionada a um objeto (LAPLANCHE, 2001). Freud utiliza em sua teoria das pulsões o conceito mitológico de *Eros*, para designar “o conjunto de pulsões de vida em oposição as pulsões de morte” (LAPLANCHE, 2001, p. 150). Este, por sua vez, foi o deus do amor na mitologia grega.

O significado da palavra *Eros*, vem do latim que significa amor, desejo e atração sensual. Na análise freudiana, *Eros* é a pulsão libidinal que motiva o indivíduo à vida, a satisfazer suas ambições, suas vontades, buscar o prazer e a satisfação da libido, a qual se concretiza por meio do instinto organizado. O instinto organizado é a consciência social, que visa o convívio em coletividade (OLIVEIRA, 2010).

Já o termo *Thanatos*, também oriundo da mitologia grega, remete à personificação da morte, ou seja, a pulsão de morte. Quando Freud se refere à pulsão de morte, ele está se referindo à morte simbólica e social, o que pode levar o indivíduo à expressão de determinados comportamentos como loucura e até mesmo o suicídio. O sujeito geralmente retrai a pulsão de morte para que consiga viver com prazer em sociedade, porém, quando o indivíduo não é bem-sucedido social, econômica e familiarmente esta pulsão se sobressai em relação à primeira (OLIVEIRA, 2010).

O sentimento de culpa é a expressão máxima do eterno conflito entre *Eros* e *Thanatos*, entre vida e morte. Normalmente, este conflito acontece quando os indivíduos encaram a tarefa de viverem juntos e a cultura surge como forma de completar esta problemática. Se na infância, o sentimento de ambivalência amor-ódio é uma regra deste momento na vida do sujeito, na idade adulta isso irá se completar por meio da cultura que por vezes restringe à liberdade das pulsões dos indivíduos (FREUD, 2013d). Nas palavras de Freud (1930, p. 67), “se a cultura é o curso de desenvolvimento necessário da família à humanidade, então está inextricavelmente ligado a ela [...] o acréscimo do sentimento de culpa, talvez a um ponto que o indivíduo ache difícil tolerar”.

### **Uma análise do mito da Medéia sob o olhar psicanalítico de ambivalência materna**

Como exposto na primeira seção, acerca do mito da Medéia, podemos perceber uma mulher inconformada com o drama da traição e da separação de seu marido Jáson, por quem ela dizia estar apaixonada. Para viver este grande amor, Medéia precisou se afastar de seu pai e de sua pátria a fim de que mantivesse este relacionamento que tanto almejava, mostrando que “no sistema mitológico da Antiguidade, é a mulher bárbara que, para ultrajar o marido infiel, afronta as leis humanas e divinas, matando os próprios filhos” (DUTRA, 1991, p. 66).

Ao longo de sua vida, Medéia cometeu diversos crimes com a intenção de permanecer ao lado de Jáson, como a morte e esquartejamento de Apsirto, seu irmão, e o envenenamento de Pelias, primo de



Jáson. No entanto, quando Jáson a abandonou, ela não viu outra alternativa de vingança que não fosse o assassinato dos dois filhos, pois assim ela acreditava que ele sentiria a mesma dor que ela sentiu quando ele a abandonou, alegando: “quero que se arrependam de seu matrimônio amargamente, e amargamente se arrependam de sua aliança e de meu iminente exílio” (EURÍPEDES, 2001, p. 32, v. 450). Medéia continua a justificar sua decisão, dizendo: “Matando-os, firo mais o coração do pai” (EURÍPEDES, 2001, p. 52, v. 935).

Freud (2013e) destaca em *O instinto e seus destinos* (1915), que a perda do objeto amoroso possibilita que a ambivalência das relações amorosas venha à tona e se torne mais evidente. Nas palavras do autor: “a perda do objeto amoroso é uma excelente ocasião para que a ambivalência das relações amorosas sobressaia e venha à luz” (FREUD, 1915, p. 135). Tal pontuação pode ser relacionada ao mito da Medéia, que evidencia a ambivalência de sentimentos, uma vez que ao ser traída por Jáson, seu objeto amoroso, a personagem é tomada por grande ódio por ele. Medéia reforça isto, afirmando a dubiedade de seu caráter: “que ninguém me julgue covarde, débil, indecisa, mas perceba que pode haver diversidade no caráter: terrível para os inimigos e benévola para os amigos” (EURÍPEDES, 2001, p. 51, v. 920-925).

Na continuidade desta discussão, percebemos que na história de Medéia, o extremo amor se passou ao extremo ódio em decorrência do seu rompimento com o objeto amoroso, Jáson. Questão esta que pode ser ilustrada quando Medéia diz: “O meu marido, que era tudo para mim — isso eu sei bem demais —, tornou-se um homem péssimo” (EURÍPEDES, 2001, p. 24, v. 255). Neste sentido, Freud ressalva que: “quando a relação de amor com um determinado objeto é rompida, não é raro que o ódio tome o seu lugar, com o que temos a impressão de que o amor se transformou em ódio” (FREUD, 2013e, p. 58).

De acordo com Freud (2013d), a ambivalência de sentimentos permeia a grande maioria das relações afetivas e de maneira veemente no período arcaico, pois a ambivalência tem relação direta com os aspectos da cultura e da história que o indivíduo vivencia. Eurípedes escreveu a tragédia Medéia numa época em que as mulheres estavam sob condição de submissão aos esposos. O adultério era livremente permitido aos homens, ao passo que as esposas poderiam ser mortas se acaso o marido desconfiasse de uma traição. Estavam submetidas somente a tarefas do lar, apenas tarefas manuais, não poderiam sair do gineceu (lugar onde ficavam as mulheres e escravas) e apareciam raramente em público, sendo excluídas do convívio social.

Por este ponto de vista, compreende-se o quão presente a ambivalência poderia estar nas relações afetivas da época, tendo por base o contexto cultural da Grécia Antiga. No entanto, há de se compreender que cada contexto histórico e cultural possibilita uma nova maneira de expressão de sentimentos ambivalentes, por isso esta dualidade não se encontra presente somente na Antiguidade, mas em todas as culturas, épocas e contextos.

O conceito de ambivalência está intimamente ligado às pulsões de vida e morte. Assim, seria impossível pensar na vertente amorosa sem levar em consideração o dualismo pulsional. Quando há um

desequilíbrio, uma pulsão se sobressai à outra, podendo gerar no indivíduo o sentimento de culpa, expressão máxima do eterno conflito entre *Eros* e *Thanatos*. Isto pode ser percebido nas falas de Medéia, quando se declara arrependida por ter abandonado a sua pátria e a sua família, pelo amor de Jáson: “Ah! Minha pátria! Neste instante a tua imagem volta ao meu coração com tanta intensidade!...” (EURÍPEDES, p. 28, v. 370). “Fui insensata quando outrora abandonei o lar paterno, seduzida pela fala desse grego que, se me ajudarem os deuses, me pagará justa reparação em breve” (EURÍPEDES, p. 51, v. 915).

Ao declarar que o marido a “pagará justa reparação”, Medéia evidencia a prevalência da pulsão de morte, que se refere “a morte simbólica, a morte social; uma pulsão que leva o indivíduo à loucura, ao suicídio, ou seja, uma morte simbólica ou material perante a sociedade” (OLIVEIRA, 2010, p. 62-63). Desta maneira, ao ser traída por Jáson, Medéia mostra que passou a ser dirigida pela pulsão de morte, que a impulsiona a realizar o homicídio da amante do marido e seu pai, bem como de seus dois filhos.

Rodriguez e Carneiro (2013) destacam que amor e ódio andam lado a lado, tornando-se impossível pensar no amor sem levar em consideração as pulsões agressivas paralelas a este. Quando se pensa na maternidade, a ambivalência amor-ódio também se encontra presente nesta. No entanto, ser mãe significa conter as angústias do filho, bem como suas próprias, o que pode levar a um sentimento de ambivalência mais acentuado. Isso pode ser percebido na tragédia, na cena em que a personagem estava se despedindo dos filhos, pois iria matá-los, até o momento em que as duas crianças a olham sorrindo e a colocam em xeque se a sua atitude seria realmente necessária. Nesta situação, Medéia se vê em um grande impasse de dúvida, entre o amor e o ódio que está sentindo pelos seus filhos. Ela diz:

Ai de mim! Ai de mim! Por que voltais os olhos  
tão expressivamente para mim, meus filhos?  
Por que estais sorrindo para mim agora  
com este derradeiro olhar? Ai! Que farei?  
Sinto faltar-me o ânimo, mulheres, vendo  
a face radiante deles... Não! Não posso!  
(EURÍPEDES, 2001, p. 62, v. 1180-1185).

Mathelin (1999), apresenta em *O sorriso da Gioconda: clínica psicanalítica com bebês prematuros*, o mito africano “A calabaça e o carneiro”. Esse mito apresenta a história da planta-mãe calabaça, germinada sobre as cinzas de uma mulher que mata e engole todas as crianças da aldeia. A calabaça cresce rápido e torna-se sufocante e exuberante. No entanto, eis que surge um carneiro que com seus chifres rasga a calabaça na intenção de libertar as crianças presas no seu interior. Os chifres do carneiro organizam o caos causado pela planta. Porém, é justamente a calabaça que devora e que ao mesmo tempo dá a vida. No mito da Medéia, podemos estabelecer uma relação com a história da calabaça, pois a mesma mulher que deu a vida aos filhos, também é a mesma quem os matou. Medéia diz: “Seja como for, perecerão! Ora: se a morte é inevitável, eu mesma, que lhes dei a vida, os matarei!” (EURÍPEDES, 2001, p. 63, v. 1205).

No amor é impossível a inexistência de pulsões agressivas. Tal fato pode ser observado dentro da mitologia grega, na qual podemos encontrar temas de assassinatos de filhos pelas mães, que agem na loucura maníaca; semideusas que esquartejaram e despedaçaram os filhos (MATHELIN, 1999). Isto pode ser notado por meio de uma das falas de Medéia, que declara: “Esquece por momentos de que são teus filhos, e depois chora, pois lhes queres tanto bem mas vais matá-los!” (EURÍPEDES, 2001, p. 70, v. 1425).

Quanto ao pai, Mathelin (1999) pontua que é difícil para que este constate que a relação mãe-bebê não está dentro da sua idealização de completa harmonia. A falta de interesse da mãe pelo filho se torna, muitas vezes, algo insuportável para o pai, bem como a agressividade que esta demonstra para com a criança. “Quando a mãe está impedida de ocupar o seu lugar pela extrema prematuridade do filho, o pai nos fala de sua perturbação diante do que lhe parece ser indiferença ou, por vezes, agressividade” (MATHELIN, 1999, p. 77). No mito de Medéia podemos observar, mediante as falas de Jáson, a sua indignação com Medéia, dizendo:

Monstro! Mulher de todas  
a mais odiada por mim e pelos deuses, pela humanidade!  
Tiveste a incrível ousadia  
de matar tuas crianças com um punhal, tu,  
que lhes deste a vida,  
e também me atingiste mortalmente ao me privar dos filhos!  
E depois do crime ainda tens o atrevimento de mostrar-te ao sol e à terra, tu, sim, que foste capaz  
de praticar a mais impiedosa ação!  
Tens de morrer! (EURÍPEDES, 2001, p. 74-75, v. 1510-1515).

Desta forma, podemos questionar o modelo idealizado de maternidade romanceada de uma mãe que é pura, terna e tem em si somente o sentimento de amor. Em um contexto real, percebemos, assim como no mito da Medéia, que a mãe é um sujeito que possui dualidade pulsional, o que a leva a sentimentos de angústia, medo, receios, raiva, bem como aos sentimentos de amor, alegria, satisfação e gozo. Esta dualidade amor-ódio coexiste nesta relação mãe-filho, a qual é por vezes inadmissível diante da sociedade. Dessa forma, ao olharmos para o contexto histórico da maternidade, podemos contemplar que a mulher, ao longo de sua trajetória, é vista como um ser dócil, amável e submisso, o que leva ao tabu social da maternidade perfeita. Talvez seja justamente por isso, que o mito da Medéia causou e ainda causa tanta estranheza e indignação aos/as seus/suas leitores/as, uma vez que o imaginário social não permite que uma mãe possa ter, quanto menos demonstrar os seus sentimentos de amor e ódio.

## **Considerações Finais**

Partindo da tragédia Medéia, entendemos que a mulher, tal como todo sujeito, é movida por uma dualidade pulsional de amor e ódio. Comumente todas as relações são permeadas por este traço de

ambivalência e a relação entre mãe e filho/a não foge desta característica. Vivemos dentro de um imaginário social idealizado de uma mãe perfeita e que apresenta somente atitudes positivas diante do/e seu/sua filho/a. Tal idealização foi herdada através dos séculos, como pudemos ver no decorrer da pesquisa. Desde a Antiguidade, sempre foi exigido à mulher um comportamento passivo e dócil, tanto que até hoje esta é a visão predominante sobre ela. Esse pensamento pode levar a mulher a se perceber enclausurada neste imaginário e ter medo de declarar, quanto menos demonstrar aspectos ambivalentes.

Por meio da teoria psicanalítica, compreendemos que ambivalência e maternidade andam lado a lado e está presente desde o nascimento do bebê. No entanto, falar sobre ambivalência numa sociedade repleta de tabus, como postulava Freud (2013a), é um tanto quanto desafiador, pois estamos andando em desencontro ao discurso social de mãe perfeita. Abordar uma visão mais real de maternidade e afirmar que uma mãe realmente possui em si tanto o amor quanto o ódio, significam confrontar um ideal contemporâneo, o que pode causar espanto. Assim como Eurípedes escreveu a tragédia *Medéia* sob a intenção de sinalizar a posição da mulher em seu período histórico, nós utilizamos de sua obra na atualidade, a fim de abarcar uma problematização sobre o tabu da ambivalência materna, objetivando desmistificar a maternidade idealizada e reconstruir um significado mais real sobre esta.

## Referências

ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 233-239, set/dez 2000.

AZEVEDO, Kátia Rosa; ARRAIS, Alexandre Rocha. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. **Psicol. Reflex. Crit**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno (L'amour em plus)**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370p.

BARBIERI, Carolina Luisa; COUTO, Márcia Thereza. As amas de leite e a regulamentação biomédica do aleitamento cruzado: contribuições da socioantropologia e da história. **Cad.hist. ciênc**, São Paulo. v. 8. n. 1, p. 61-76, jun. 2012.

DADOORIAN, D. Gravidez na adolescência: um novo olhar. **Psicol. cienc. prof.** v. 23, n. 1, p. 84-91, mar. 2003.

DUTRA, Enio Moraes. O mito de *Medéia* em Eurípedes. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras**. Rio Grande do Sul. v. 25, n. 51, p. 66-75, jan.1991.

EURÍPEDES. **Medéia, hipólito e as troianas**. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 246p.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e dos neuróticos [1912-1913] (Über einige übereinstimmungen im seelenleben der wilden und der

neurotiker). In: FREUD, S. **Totem e tabu, contribuição a história do movimento psicanalítico e outros textos [1912-1914] (Totem und Tabu)**. Tradução de Paulo César de Souza. 1.ed. v. 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a. p. 7-176.

FREUD, Sigmund. Uma recordação da infância de Leonardo da Vinci (1910) (Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci). In: FREUD, S. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação da infância de Leonardo da Vinci e outros textos [1909-1910] (Gesammelte Werke)**. Tradução de Paulo César de Souza. 1.ed. v. 9. São Paulo: Companhia das Letras, 2013b. p. 86-167.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo [1914] (Zur Einführung des narzissmus). In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos [1914-1916]**. Tradução de Paulo César de Souza. 1.ed. v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2013c. p. 9-37.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização [1930] (Das Unbehagen in Kultur). In: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos [1930-1936]**. 1. ed. v. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2013d. p. 10-89.

FREUD, Sigmund. O instinto e seus destinos [1915] (Triebe und triebschicksale). In: FREUD S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos [1914-1916]**. Tradução de Paulo César de Souza. 1.ed. v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2013e. p. 40-61.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 200p.

IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna**. 2012. 129 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2012.

KURY, Mário da Gama. Introdução. In: EURÍPEDES. **Medéia, hipólito e as troianas**. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. 7.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. cap. 1, p. 6-11.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário de psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 552p.

LESSA, Sérgio. **Abaixo a família monogâmica**. 1.ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2012. 112p.

MATHELIN, Cathelin. **O sorriso da Gioconda: clínica psicanalítica com bebês prematuros (Le sourire de la Joconde)**. Tradução de Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. 160p.

MIGLIAVACCA, Eva Maria. A dimensão trágica do psiquismo: um ensaio. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo. v. 38, n. 4, p. 843-866, 2004.

MIGLIAVACCA, Eva Maria. Dupla face do mito: modelo e função. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo. v. 36. n. 2, p. 252-263, 2002.

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim; ARAÚJO, Maria Fátima. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia ciência e profissão**. São Paulo. v. 24. n. 1, p. 44-55, 2004. p. 44-55.

OLIVEIRA, Luana Garcia. Eros e Thanatos: a pulsão de vida no conceito Freudiano e o homo consumericus. **Revista Labirinto**, Rondônia, v. 10, n. 14, p. 62-92, dez. 2010.

- RAMOS, Maria Beatriz Breves. **Macromicro: A ciência do sentir: uma visão revolucionária do ser humano, a partir da física quântica, da teoria da relatividade, da psicanálise.** Rio de Janeiro: Mauad, 2009. 146p.
- SIMAS, Flávia Baroni; SOUZA, Laura Vilela; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Significado da gravidez e da maternidade: discurso de primíparas e múltiparas. **Revista psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 15. n. 1, p. 19-34, jan./abr. 2013.
- SOUZA, Ana Amália Torres; ROCHA, Zeferino Jesus Barbosa. No princípio era o mythos: articulações entre mito, psicanálise e linguagem. **Estud. Psicol.** Natal. v. 14. n. 3, p. 199-206, set/dez 2009.
- STRACHEY, James. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: Freud, S. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia, e outros trabalhos (1914 – 1916).** Comentários e notas de James Strachey. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 117-144.
- TRAVASSOS-RODRIGUES, Fernanda.; FERES-CARNEIRO, Terezinha. Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões. **Revista Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro. v. 45. n.1, p. 111-121, 2013.
- VERÍSSIMO, Daniela Maria Maia. **Um estudo sobre a ambivalência materna em mães de crianças com alergia à proteína do leite de vaca.** 2009. 104 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, 2009.
- WINNICOTT, Donald Woods. O Ódio na Contratransferência. 1947. WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas (Through Paediatrics to Psychoanalysis).** Tradução de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. 456p.
- WINNICOTT, Donald Woods. **A família e o desenvolvimento individual.** Martins Fontes: São Paulo. s/a.

*Recebido em: 16 de setembro de 2019.  
Aprovado em: 17 de maio de 2020.*